

Pandemia. Parar tudo, urgente!

Daniel Sales Pimenta, Departamento de Botânica-ICB/UFJF.

A gloriosa APES me pediu um texto sobre covid/pandemia. Entendo que o público-alvo é intelectualizado, com o qual convivo desde sempre, pois meu pai era professor também na UFJF. Pois bem, eu tive covid... fiquei internado de 21 de março a 11 de abril e durante duas semanas eu estive na UTI com direito a intubação e consequente sedação, cloroquina e consequente alteração de batimentos cardíacos (tenho 3 stents), ou seja, “quase morri” (é o que repetia a meus queridos filhos quando comecei a retomar a consciência e me permitiram conversar com eles por vídeo). Tive essa impressão e nas palavras de meu cardiologista, se não fossem as rezas que eu recebi “tava muito difícil me segurar”... foram poucos dias dessa vulnerabilidade maior (mas bastaria menos que um segundo né?).

Estive na França onde fui visitar minha filha em Estrasburgo. Estava de férias, tive receio de pegar o covid lá mas eu precisava de um contato presencial com essa minha filha que mora na França há alguns anos, então, entre custo-benefício, resolvi ir. Voltei com covid... aqui no Brasil ele estava apenas começando (retornei ao Brasil em 14/03/2020) e aí eu remeto a esta justificativa a quantidade enorme de gente que rezou por mim (sinceramente não acho que empatia poderia justificar tanta mobilização). Minha internação foi noticiada e estando internado, para piorar a situação, ainda teve um que anunciou meu falecimento no Facebook!. A mobilização foi se espalhando (Graças a Deus!) e aí muita gente se mobilizou por várias partes do país e sentimento de total gratidão ainda está vivo em mim. Tenho inserção na UNIPAZ, participo do grupo do Rio de Janeiro e de Brasília, mas teve gente (e grupos!) espírita, protestante, católico, evangélico, umbandista, candomblecista, gente me aplicando reiki mentalizando de longe, algumas pessoas visualizaram pajelanças no meu leito (mas essa é outra história que está sendo contada num livreto), enfim...muita gente concentrada mesmo! Eu estando na UTI, na transição entre sedado e recobrando consciência, senti muita força espiritual. As sensações corporais, conversas com espíritos, visões, sempre circularam neste limiar existencial. Meio acordado, fechava o olho e espíritos e imagens partilhavam comigo, abria os olhos e estava cada hora em um local. Lembro que uma manhã, recobrando a consciência comecei, com prazer, a lembrar de plantas medicinais....dali a pouco lembrei que eu trabalhava com elas!...passa mais um pouco eu me lembro do Jardim Sensorial

que ajudei a montar na UFJF...sensação de gratidão por percorrer esse caminho!...e fui voando por entre as plantas/espíritos nesse Jardim que acho de um potencial terapêutico incomensurável posto que englobando, em arquitetura circular, muita energia sutil.

Tanta mobilização espiritual (até minha terapeuta ateia acendeu vela para mim!) que eu fui sabendo aos poucos quando retornei da UTI para o quarto no hospital, mensagens no celular, relatos de meus filhos (que sofreram muita tensão dando relatos diários de meu estado para muitas pessoas), tudo isso foi para mim uma surpresa. Essa nova posição, após essa tsunami espiritual, me deixa sem outra saída para enfrentar o meio acadêmico de onde vim....eu já vinha percorrendo um caminho menos racional. Ao trabalhar com plantas medicinais cheguei nas rezas, benzeções e pajelanças...um caminho sem volta....mas, compartilhar essa mobilização espiritual até com professores da UFJF (e outras Universidades!) me obriga a mandar às favas essa racionalidade agnóstica, inodora, inoxidável, insípida e, portanto, sem sentido humano. Não prego aqui o fundamentalismo irresponsável e demagógicamente barbarizante de quem desconsidera a ciência por ignorância, ou pior, por estupidez. É uma ferramenta fundamental, posto que nossa civilização também percorre um caminho tecnológico sem retorno. Hoje, assistimos muita ciência sendo desenvolvida para consertar nossos próprios erros de percurso (a questão crucial é se teremos tempo!). Porém, devo chamar a atenção de que como humanos que somos, temos uma dimensão sagrada....até cientistas ateus e, portanto, a meu ver, egóicos (grande parte do público alvo deste texto), devem se remeter a história e irão encontrar na arqueologia e antropologia a estreita relação das civilizações com a espiritualidade. Reparem, não estou aqui defendendo nenhuma religião, ok? A fé altera nosso estado de saúde, e isso já é provado cientificamente. Por tudo isso, por ter estado em referência pra tanta gente em seus momentos sagrados, me encoraja a assumir posição cada vez mais veemente e urgente pela sobrevivência de nossa espécie neste planeta. TEMOS de interromper esse fluxo consumista dos recursos do planeta. Somos filhos de Gaia, de Pachamama, não? Nessa modernidade tecnológica, idealista, científica não cabe essa filiação, respeito e reverência?

Minha experiência pessoal na UTI foi de entrega ao que viria....como bom mineiro passei a descrever que eu passei pro lado de lá da pinguelinha, mas me mandaram de volta...esse desprender me trouxe um efeito colateral digno de nota: as nuvens tem estado mais magníficas e magnânimas no meu olhar e melhor, conectam com meu coração. O que eu acho que eu poderia talvez acrescentar para alguma pessoa que lê (dentro desse público-alvo intelectualizado) é que essa pandemia é uma oportunidade incomensurável

para realinhar o nosso caminhar individual e coletivo. Pode parecer fantasioso, polianesco, mas é fato (e, infelizmente, a ciência comprova) que estamos no caminho de auto-destruição. Tem inclusive gente embasando-se no conhecimento científico que considera que não há mais retorno neste processo de consequências em cadeia. Rapidamente realço que sou do grupo dos otimistas. Vejo mudanças em mim. Acredito que estamos preparando o caminho para quem vem depois e, ainda buscando a poesia de um de meus gurus, Beto Guedes, um mais um é mais que dois e, portanto, não podemos desprezar, muito menos agora, a força do coletivo e, assim, seguimos com a APES. Seja na interrupção desse processo capitalista de auto destruição, da regra deles de que se a farinha é pouca, meu pirão vem primeiro, culminando com um governo que assume “passar a boiada” na destruição imbecil do meio ambiente, ou na nomeação paliativa de fantoches no ministério da saúde em meio a essa pandemia avassaladora, ou privatizando geral nessa subserviência antinacionalista.

Voltemos a nosso público alvo. A pandemia parou tudo, nem que tenha sido por um tempo. Para alguns curto, para outros longo. Para as Universidades alterou de alguma forma até aqui. O que você tem feito diferente? Ficar agendando lives sem fim não conta, ok? Consumir todos (ou quase) os neurônios no Whatsapp também não... Estou falando de ressignificação de sua inserção neste planeta. Estou falando de parar tudo na pandemia e contemplar a natureza.

Um dia, a alguns anos, em plena Serra do Cipó eu conversava com o Ailton Krenak. Eu almejava ter uma relação mais visceral (portanto mais ancestral) com os elementos da natureza. Num ritmo especial, bem mais lento, ele me contou que para seu povo a brisa e até o vento são curativos. Deve-se deixar o vento levar de nossa carga toda energia mal qualificada...simplesmente deixe o vento, a brisa, levar....

Caro leitor, a pandemia te permitiu parar para você sentir a brisa te abraçar e levar embora um peso desnecessário que você carregava? Você se permite fechar os olhos enquanto a brisa passa pelo teu rosto, deixando o sentimento de gratidão emanar por todos os poros? Falando em termos da botânica, já abraçou uma árvore hoje? Descalço e de olho fechado se comunicou com ela? Ou sentiu o aroma de uma erva medicinal que preenche mais do que teu pulmão?

Ainda há tempo de mudança individual e coletiva. A pandemia é fundamental neste momento para termos tempo de pensar que caminho vamos seguir, enquanto civilização. Enquanto essa rede se processa eu admiro o cintilar das estrelas nesse inverno e, com o sol, eu admiro o canto dos pássaros na festa diária.

Antes que a classe da qual faço parte, de excelsos professores universitários, me façam críticas como é hábito e/ou condicionamento dessa classe profissional, (diferente da fundamental prática de desenvolvimento de senso crítico que a educação deve proporcionar), emburacando em discussões reducionistas da repimbocha da parafuseta, eu devo destacar que não preferia a pandemia, não preferia esse governo irresponsável que nos deixa a Deus dar nesse momento. É fato que precisamos enfrentar de forma responsável essa pandemia. Infelizmente temos de salientar que nem de forma humanitária ela tem sido enfrentada. É fato também que abrir a porteira para a boiada passar sempre foi a estratégia dos poderosos ao longo das eras de nossa civilização. Poderia, infelizmente, citar inúmeros exemplos. Cito a “guerra justa” imposta aos índios por Dom João VI. É fato que, no momento atual, “passar a boiada” é liberar mineração, é liberar desmatamento, é liberar mais matança de índios e tudo isso nos coloca no caminho sem volta da auto-destruição. Que a pandemia pare isso tudo!

Baseado nos conhecimentos acumulados em várias áreas, tais como o caso do centésimo macaco, o caso de meditações coletivas realizadas que promoveram a diminuição de violência em algumas cidades, baseado no conceito de inconsciente coletivo, baseado em que somos todos um, te peço que pare tudo! Por que você pode ser cético, ateu, teu ego não lhe permitir a humildade, tua razão te impedir o silêncio e até a resistência pode ir surgindo enquanto lê o texto, te peço: faça um esforço, valorize o momento de silêncio, respire, não pense em nada e a rede coletiva da compaixão que preenche todo o universo vai te tocar. Talvez a formação científica ainda negue a sabedoria tibetana da compaixão universal (mas a física já admite uma rede universal, que ainda indefinida é citada como matéria e energia escura, 96% do universo!), por exemplo, mas estamos numa situação de extrema pressão com essa pandemia desestruturando a sociedade estruturada de forma capitalista e o que eu tenho experienciado é que mudar o mundo é mudar de dentro para fora como enxergamos as nuvens, a brisa, como escutamos o cantar dos passarinhos. Coisas simples e básicas que nossa vida tecnológica e sofisticada abafou irresponsavelmente. A pandemia nos fez parar, aproveitemos esse momento ou continuemos na roda viva, na roda de samsara, na montanha-russa e qualquer analogia que não nos faça parar e meditar. A diferença do momento atual para desafios de humanização anteriores na história é que agora a ciência aponta que estraçalhamos os recursos do planeta e, obviamente, estraçalhamos nossa própria permanência nele.

Parar...ressignificar que não vence o mais apto, o mais sagaz, o mais competitivo. Vence o coletivo, vence a colaboração, vence o altruísmo que nos acolhe como seres verdadeiramente humanos, vence, enfim, a compaixão universal...simples assim... então aproveite a pandemia, pare tudo, respire e boa viagem cósmica! Lembre-se de que a evanescência das partículas subatômicas onde matéria e energia mudam de estado na dança de Shiva, é a justificativa para o intento na meditação. Renovar, buscar na fonte divina, universal, cósmica, campo akáshico, no grande espírito, enfim, no inominável, a matéria que nos constitui aqui e agora, porém, com o frescor da gratidão e do amor incondicional (eita...que trem difícil!.... mas ou tentamos ou desistimos da vida, não?)

Essa da viagem cósmica me lembrou de um bom caso indígena, que me permito para te presentear nesta finalização de texto (e aqui apresento minha versão de conhecimentos de Kaká Werá Jecupé). Os portugueses invasores foram saber quem era o índio, ele respondeu: sou TUPI. O português, com sua cultura de dominação tacanha, que vem do Império Romano, o qual abafou os Celtas, Gauleses, península ibérica e toda intrínseca interrelação com os elementos da natureza dos povos ali ancestrais (como também ocorreu com nossos ancestrais), interpretou tupi como uma etnia, mataram a maioria e os que sobraram, jogaram na gaveta denominada tupi....vamos tentar aqui esclarecer....TU é a vibração, o tom, de cada um ou do todo (TUPÃ é a vibração que se expande, por exemplo). PI é o corpo do indivíduo....ao responder que é TUPI para o português, nosso ancestral, taxado de ignorante, sujeito a Guerra Justa e dominação, posto que não tinha rei, não tinha lei, não tinha fé...(meu Deus....não aguento....é muita ignorância, credo!) estava é tentando explicar: sou uma vibração cósmica que se assenta aqui e agora neste corpo. Para os Tupi-Guarani, cada ser humano tem seu próprio tom, devemos afinar a flauta pessoal evocando sons sagrados para cada chakra...mas aí é outra história...melhor contada e praticada na beira de fogo sagrado....

Observação: sentiu falta das citações bibliográficas? Foi de propósito...se precisa de comprovação científica do efeito da brisa na bochecha eu sinto muito....há...só pra constar, sou Doutor e Professor Titular, que, para mim sempre serviu como a experiência de entrar na toca do lobo para aprender como ele rosna...hoje me permito expor minha carreira dessa forma porque a morte chegou tão perto que o sopro dela relativiza os valores aparentes. Um salve para os povos ancestrais e sua sabedoria! Ahôoo!